

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assignatura mensal 4\$000

Num. avulso 250 reis.

ANNO III

CUYABA 6 DE JANEIRO DE 1887.

N. 61

A TRIBUNA

CUYABA 6 DE JANEIRO DE 1887.

O novo anno de 1887.

Findando um tanto mal o anno de 1886 pelo terror do *cholera morbus* e começando este sob a má impressão da terminação d'aquelle, nos tornava bem difficil saudar cheio de expansão os nossos leitores pelo desabrochar do novo anno; mas, como as ultimas noticias dos pontos infestados são as mais animadoras, e nesta cidade nenhum facto legítimo dá de tão medonho flagello, cumprimos hoje o grato dever de complimentar a todos os nossos assignantes e leitores, desejando lhes toda a sorte de prosperidades no decurso do presente anno.

O apparecimento das chuvas, melhorou sensivelmente o estado de asseio desta cidade e como é de sacor romper a atmosphera tornando o ar puro e saudavel.

Com este soccorro di Divina Providencia, não é dado acreditar-se de que seja esta capital invadida pela terrivel e devastadora epidemia do *cholera* e o espirito publico deve recobrar o seu vigor, voltando a população que emigrara para o interior á

capital á occupar a sua habitação.

Tenhão coragem, desprezem os receios que a felicidade de nos será sorridente porque um esplendido futuro nos aguarda.

A' todos anhelamos ditoso anno.

RESERVA DA SEMANA

Abertura de credito.— S. Ex. o Snr. Dr. Presidente da Provincia, por ac.to de 3 do corrente, abriu um credito da quantia de 100 contos de reis para soccorros á população da provincia, e nomeou um empregado para em commissão do governo, comprar generos alimenticios e facilitar a vinda d'elles para a capital.

—Consta-nos ter o snr. capitão Generoso Paes Leme de Souza Ponce, off'rtado a S. Ex. a quantia de 500\$000 reis para auxiliar a despesa com a pobreza soffredora.

Aguardamos oportunidade para tratar minuciosamente deste importante assumpto.

Pela lancha.— Fuzza — vão ser remettidos viveres para a cidade de Santa Cruz de Corumbá.

Acquisição de viveres.— Foi nomeado encarregado

das compras dos generos alimenticios nas localidades desta cidade, por conta do Estado, para ser vendidos ao povo pelo preço que custar, o snr. capitão João da Costa Teixeira.

Foi uma medida muito acertada esta que S. Ex. acaba de tomar, mas ainda assim precisa um pequeno reparo.

Não duvidamos da probidade e honra lez do comprador, mas faz-se preciso que se organixe uma tabella para aquisição desses generos, porque bem pode acontecer de alguém abusar das nossas necessidades e pedir um preço fabuloso pelos generos que se tem de comprar, de modo que de nada aproveitará a medida que S. Ex. acaba de tomar, no sentido de evitar a fome.

É este um reparo reclamado ainda em tempo e ao qual S. Ex. não deve ser indifferente.

Terço.— Tive hontem lugar como final das preces um terço no qual sahião á peregrinar as ruas d'esta cidade as imagens de Nosso Senhor, do Senhor Bom Jesus e de S. Sebastião.

É muito concorrido como ainda não houve igual.

Poconé.—Segue com destino a cidade de Poconé, que consta estar completamente abandonada, o sr. capitão Luiz Felipe Fernandes Cayabano, investido do cargo de Delegado de Polícia.

Desejamos-lhe feliz viagem e nenhum incommodo de enfermidade na mesma localidade.

Chegada.—Acha-se nesta cidade o nosso amigo tenente Alfredo Tavora, que do caminho do destacamento do Rio das Garças voltou por em commodo de saúde.

Comprimntamol-o affectuosamente.

Missas do 7.º dia.—Resou-se no dia 30 do mez findo, no Cemiterio da Piedade, uma em suffragio a alma do finado Antonio Maria da Costa.

O que é necessario actualmente.—Do — *Diario Oficial* de 2 de Agosto ultimo, extrahimos o seguinte escripto, o qual actualmente é muito digno de ser lido, e chamamos sobre elle a attenção dos nossos leitores.

Bil-c:

**CORAGEM MORAL NAS EPI-
DEMIAS.**—Littre, no seu livro *da Medecine et des medecins*, examina a influencia que as disposições moraes podem ter sobre o nosso organismo e seu estado physico.

« O que se passa, diz elle, na vida vegetativa, passa se tambem na vida moral e nas funcções nervosas.

« As perturbações que ahí so-
brevem, em vez de serem influencias da nutrição, do ar, do quente, do frio, de miasmas e de agentes deletorios, manifestos ou occultos, que deserranjam o ser

vivente, são as influencias moraes das opiniões, das creanças e dos temores que causam a perturbação morbida. »

Partindo dahi, este livre pensador chega a explicar scientifi-
camente os Flagellantes durante a epidemia do XIV seculo, certas curas do systema nervoso sob a influencia energica das convicções religiosas e as visões entre os camisados perseguidos.

Parece desde então que o primeiro e principal elemento de resistencia ás influencia epidemicas é a calma que dá a convicção de sua propria invulnerabilidade.

Esta convicção pó le ter fontes diversas. Ella pó le vir da creança em um principio superior, protector, em uma invocação permanente de um intermediario como um santo, e pó le vir ainda da posse de uma reliquia. Pasqual não teria o seu amuleto? Que importa a causa que produz a calma e a confiança? Não discutamos, mas respeitemos os seus effeitos, pois que ella é uma garantia.

Esta convicção pôde vir uma sorte de indifferença viril, que faz contemplar as devastações epidemicas com stóicismo; porém, esta coragem é rara, porque, no intrinseco do homem ha sempre um ardor de viver, que torna terrivel a sua extenuação.

Emfim, a convicção da propria invulnerabilidade relativa, pó le e deve vir da razão quando se tem estudado as estatisticas das pelas precedentes epidemias.

A estatística da grande epidemia em França, em 1832 nos ensina que no quartelão do Louvre, das Tallorias, do Palacio Real, a mortalidade foi de 1,3 % e nos quartelleiros populosos de S. Marçal e de S. Jacques de 3 %.

Assim, nos quartelleiros de Paris atravessados de grandes ruas, mas com uma população amentada por andares como nas

gavetas de uma commoda, sem grande corrente de ar, a eventualidade avaliada para cada habitante foi de 1,3 % de obitos.

E isto em 1832 quando a doença tinha todo o seu caracter de violencia asiatica, quando os medicos estavam sorprendidos, não tinham nem experiencia, nem tratamento a prescrever, e nem sciencia medica comparada a consultar.

Que se compare, pois, este alarmismo de 1,3 % de 1832 com o que se pode temer em 1884 com os progressos da sciencia medica, e em Paiz com as condições de salubridade totalmente differentes daquellas do centro de Paris?

Tem-se calculado, sobre estas tisticas das epidemias recentes, que os azares da mortalidade são de 1 por mil, termo médio.

E' ainda muito, se dirá, é verdade; mas não estamos nós cercados de azares si não semelhantes, pelo menos, tambem terribes, quando passamos na rua ou quando entramos em caminho do ferro?

E comtudo nós o fazemos com calma, aceitamos a eventualidade, o maricheiro que se embarca vai affrontar uma eventualidade ainda maior?

Por que pois não teremos a quella mesma calma em presença de uma epidemia quando sabemos que o terror nos entrega forçadamente a ella? O terror, diz o Dr. Koch vindo do Egypto, prepara os intestinos a receber com mais rapidez as influencias morbidas.

E' sempre a theoria de Littre que se verifica. Todos os dias vemos a nas verificações funebres.

Os jornaes nos ensinam que o numero daquelles que abandonam a cidade atacada, para se refugiarem em logar não contaminado, succumbem porque fogiram sob o imperio do terror. Sua fugida era já um symptoma.

Não deveríamos todos chegar á coragem calma que tanto honra o corpo medico?

Um medico sabe muito bem a que se expõe e elle ali se expõe cem vezes mais do que cada um de nós: como explicar sua indifferença em presença do perigo? Indifferença não: elle teme; deve tomar todas as precauções preservadoras, mas o moral está exaltado pela paixão da abnegação, a vida vegetativa nelle, para servir de uma expressão de Littré, está para dizer assim, á direcção da vontade do dever até ao ponto de esquecer o perigo de cada instante, assim como o perigo o esqueça.

E, pois, no dominio moral que se acha o primeiro preservativo.

COMMUNICADOS

Medic mihi eras tibi.

De méras supposições á dura realidade tornou-se a existencia do medonho flagello que já algumas victimas tem feito nas immediações da capital—juntando-se ao desanimo de que já se achava possuida a população—o terror da miseria imminente, pela falta de alimentos, os quaes si; para alguns ha, inda que por exorbitante preço, para os pobres é um verdadeiro e difficil problema á resolver.

Como sempre em occasiões de epidemia, muito maior numero de victimas tem feito a falta de recursos do que mesmo a moléstia.

E como sempre tambem a sordidez, a ganancia e o egoismo sahem a campo, ostentando cynicamente á luz do sol as negras garras com que, quasi abutres, dilaceram muito satisfeitas—as entranhas do povo recebendo a troca da migalha o fructo do honrado e laborioso trabalho!

Esquecidos, talvez, de que o mal não tem predilectos pois sa-

be-se o que é bom e o que é máo—chega á todos.

Esquecidos ainda de que, si por uma negação da justiça Divina escaparem sãos e salvos e com muito ouro em seus zutros, largos dias viverão (e é uma vida muito longa já é um castigo), assim de pouco a pouco—e sem treguas—purgarem o preço das lagrimas que fizeram verter e das angustias de que foram autores.

E triste, mas é verdade—e verdade tão agena, q' por mais que apresente aos olhos—provas as mais indestructiveis—não podemos tornal-a como tal, mas sim como uma das mais tristes condições o que póle beixar o homem—que assim da espécie—é representa as mazallas.

E triste ainda—ver-se tanta cegueira, tanto amor pelo ouro—em quem não sabe se estará vivo amanhã, ou mesmo si servirá para os seus o dinheiro que amontoa. — Oh! — Amontoai ouro e mais ouro, mas por Deus—*adiantai alguma quantia a Satã*, por conta de tens dias.

O Dr. Antonio de Franco Lobo.

Acha-se entre nós, já de volta da cidade de Poconé, para onde seguiu em virtude de ordem da Presidencia da provincia, afim de syndicar dos casos de morte que ali se dêrão, pouco antes de sua partida para lá, si eram ou não occasionados pelo *Cholera morbus*, cuja existencia, segundo nos consta, o Dr. Muniz affirmou, e como ella muitas outras pessoas por ouvir dizer, motivando semelhante boato, o mais desolador quadro de horror aos habitantes desta cidade.

O que informa o Dr. Lobo, é exactamente aquillo mesmo que muitos ajazavão, isto é, que houve alguns e não frequentes casos de *cholera*, já muito conhecido por esta popu-

lação sob os nomes de Russiana, Ligeira etc.

Si não fosse a sandice do Dr. Muniz, assegurando um facto serio e do qual nos parecia ter competencia para conhecer; si elle mesmo não tivesse dado o exemplo de retirar-se para fóra da capital com todos os seus ascendentes e descendentes, dizem uns que para a provincia de S. Paulo, e outros para o rio da Casca, o povo não ficaria tão aterrado como ficou, maxime, se considerar que hoje mais que nunca fazião precisos os seus serviços nesta cidade, visto estarmos ameaçados de uma cruel epidemia, como elle mesmo declarara.

Quando esperavamos que o Dr. Muniz regaçasse as mangas e se enfrentasse ao mal como um dos sacerdotes da sciencia, eis que elle nos deixou á ver navios e foi-se de tudo, com o que aqui, alli ou acolá, a morte não o vá buscar, desde que lhe seja chegada a hora!

O Dr. Muniz com tal procedimento, retirando-se do lugar do combate, sem ver o inimigo, que em bom portuguez diz-se—correr vergonhosamente sem ver do que—e affirmando a existencia de um facto grave que não ha, deu bem triste copia de si?

Quem diria que aquelle medico que hontem tanto fallou e escreveu sobre sciencia e charlatanismo, hoje que se fazia necessaria a sua clinica, nos desamparasse!...

Si é medico só para tratar de metrite, syncopes, nervose spasmos e outras desta natureza.... Outro officio.

Em Poconé, portanto, segundo affirmo o Dr. Lobo, não ha e nunca houve nenhum caso de *cholera morbus*, como fargamente alarmen a cidade o referido Dr. Muniz.

Lamentando este triste papel representado por S. S. levamos ao Dr. Lobo pela promptidão e energia com que soube affron-

espírito de todos e dar conta de tão nobre guiso melindrosa commissão.

«Aceite o snr. Dr. Antonio de Franco Lobo um fraternal abraço do povo cuyabano, reconhecido, pelo importante serviço que acaba de prestar aos habitantes desta cidade.

Cuyabá, 4 de Janeiro de 1837

CAMPO LIVRE

Dizem áhi assim pelos cantos e recantos da cidade, a meia voz, que o Exm.^o Sr. Dr. Rodolpho não está muito satisfeito com o povêco que o cerca, isto é, com alguns poucos saquaremas que ainda existem aqui.

Entre elles dizem que o Dr. Novaes, porque, se hade tratar de cumprir os seus deveres como encarregado da hygiene, deixa de assim fazer para todos os dias, ao meio dia, estar em Palacio conversando visionariamente, sobre o assumpto que hoje occupa a attenção publica, incutindo d'esta arte, maior CORAGEM aos habitantes de palacio, visto o estado nervoso com que diariamente lhes apparece, alem de atrapalhar as horas do expediente, em occasião como esta, que o presidente tanto precisa de calma e reflexão para resolver sobre medidas que o caso exige.

Por outro lado o ex ferriel, aquelle mesmo que vigiava o predio presidencial até chegar o proprietario, retirou-se por Mendaça para a freguezia da Chapada, deixando seu successor em serios embarços, porque se pretender retirar-se, não terá mais quem fique zelando do predio.

Tudo isto, e em tempos taes, muito contribuem para os justos desgostos do Dr. Rodolpho.

Mas quem é o unico responsavel e culpado mesmo nesta scena de horror que nos figura?

E' o que nos consta S. Ex.^a e só S. Ex.^a, por quanto, segundo cartas da cidade de Corumbá, o

primeiro caso de *cholera morbus*, deu-se em Corumbá no dia 4 de Dezembro, dia exactamente em que áhi chegou o paquete que o conduzia á sen bôrdô, 2 horas depois do vapor CYSNE que S. Ex.^a já sabia tinha sahido de um dos portos do Prata; onde S. Ex.^a não quiz parar, já infectado desse terrivel mal, trazendo aliá alguns doentes que n'quelle cidade succumbiram; não lhe era estranho, portanto, essa triste nova, tanto mais aggravante quando, segundo consta, S. Ex.^a vinha no firme proposito de, se o alcançasse em caminho, prohibir-o de chegar áquelle porto.

Não seria mais facil evitar o mal do que remedial-o?

Que necessidade pois, havia de S. Ex.^a deixar de ficar de quarentena, para vir a toda nos trazer o mal?

Nem ha justificativa possível, porque S. Ex.^a, como já dissemos, não estava innocente; tanto que logo apoz a sua posse, passou a tomar providencias no sentido de evitar-o quando essa medida era tardia e desnecessaria.

Qualquer medida que S. Ex.^a tome e tem tomado no sentido de remover o é somente para defender a sua pelle e não certamente por sentimento humanitário porque si esse sentimento o inspirasse, S. Ex.^a por certo não chegaria aqui no paquete de Dezembro.

E nem se diga que devemos louvar o por essas providencias, porque, se louvores a Deus, o mal não grassou aqui até hoje com intensidade; si não fez muitas victimas, não foi de certo, pelas promptas medidas tomadas por S. Ex.^a

A S. Ex.^a portanto é que a população deve o sobresalto em que tem estado pelas successões dos tristes boatos que circulao a capital, desde que S. Ex.^a aqui chegou.

Estamos ameaçados da fome como resultado desses boatos.

Da pesteja o povo está desasosbrado graças a Providencia Divina; e da fome?

Avante Exm.^o, as im como S. Ex.^a teve medo da molestia, tenha pena da pobreza que está ameaçada a incorrer á mingua de um pão devido só e unicamente a S. Ex.^a que bem mostra ser marinheiro de primeira viagem a quem negamos o bom senso pratico.

Concluindo estas linhas pedimos a S. Ex.^a descolpar-nos e de algum modo lho offendemos com estas tristes verdades.

Consta-nos que o muito conhecido MIL HOME, que pelo nome não se perca, retirara-se desta cidade levando consigo toda a renda da collectoria á seu cargo, arrecadada no mez de Dezembro, e que S. Ex.^a o snr. Dr. Presidente da Provincia o mandou buscar pelas ORELHAS, não pela mulla sympathia que o inspira, mas pelo amor dos cobres da provincia que o seu jo conduziu, deixando a Thesouraria Provincial a ver navios.

Este MIL HOME tem cousas!

Esta é bon!

Consta-nos que S. Ex.^a o Sr. Presidente da Provincia em vez de contractar uma pharmacia para fornecer os medicamentos para soccorrer a pobreza desvalida desta cidade caso fossemos acommettido do cholera, nomeou uma commissão para remoção dos cadaveres, com os respectivos empregados e com ordem para abrir valia para sepultar os que fallassem.

Hum! essa, só do snr. Rodolpho, em vez de tratar dos vivos, trata-nos como se mortos fossemos!

Depois conversaremos.

Escrebar.

Typ. DA TRIBUNA. RUA 2 DE DEZEMBRO N....